

Gazeta de Braga

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Proprietario, Redactor principal e Editor responsavel — o bacharel Augusto Clemente de Souza Geão.

Subscreve-se		Custa		
POR UM ANNO	2600 — COM ESTAMPILHA	2880	NUMERO AVULSO	40
POR SEIS MEZES	1800 — COM ESTAMPILHA	1540	ANNUNCIOS POR LINHA	30
POR TRES MEZES	700 — COM ESTAMPILHA	820	REPERIÇÃO	25

Assigna-se e vende-se n'esta typographia, Rua Nova n. 42. — Correspondencias d'interesse particular são pagas. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redacção da *Gazeta de Braga*, Rua Nova n. 42. — Quando os escriptos forem de natureza, que impliquem responsabilidade, é necessario reconhecimento de tabelião. — As assignaturas serão pagas á recepção do 4. numero.

NUM. 8.

TERÇA FEIRA 20 DE DEZEMBRO DE 1864.

I. ANNO

GAZETA DE BRAGA.

Cemiterios publicos.

Muito se tem escripto ahi, na imprensa, sobre o importante objecto, que serve de epigraphe ao nosso artigo.

Nem, por isso, deixaremos de expender e repetir ponderosas considerações sobre a sua importancia, com relação ao adiantamento e progresso publico — aos interesses e necessidades do paiz.

E' elle por si de tanto momento e de tão grande magnitude, que julgamos do nosso dever, que nos impõe o apostolado grandioso da imprensa — instar pela execução d'esta gravissima reforma administrativa, que, ha muitos annos, ahi se decretara e referendara.

Os governos, que deveras se empenharem pelo progresso moral da sociedade — que se exforcarem generosamente pelo desenvolvimento material e moral da nossa terra, não poderão, por certo, deixar d'attender seriamente á imperiosa e urgentissima necessidade da observação e do cumprimento da lei, com referencia ao estabelecimento dos cemiterios publicos.

Se os governos, pois, olharem para os altos encargos da administração do nosso paiz, instarão pela execução das providencias e determinações da lei sobre o estabelecimento aos cemiterios, para fazer cessar os inconvenientes, e intoleraveis abusos do enterramento no recinto sagrado dos templos — abusos opostos ás mais instantes indicações da salubridade dos povos.

Ninguém já hoje de intelligencia culta e esclarecida deve ignorar a necessidade suprema da construcção dos cemiterios — necessidade fundamentada na utilidade publica, e proclamada pelas reformas da civilização d'este seculo. O systema dos enterramentos no interior dos templos não pôde defender-se, nem sustentar-se hoje por principio algum, é um systema altamente reprovado á luz dos preceitos e das indicações mais palpaveis da hygiene publica.

Ninguem, pois, poderá sustentar, despido de preconceitos e acalentado pelo espirito puro da nossa religião sancta — que o templo do Senhor deva ser o receptaculo de cadavers em putrefacção — deva ser o cemiterio e o remanso lugubre e medonho da morte, em vez d'um recinto acciado e esplendido, que

symbolise a vida, e onde os fieis elevem as suas orações e preces piedosas até o throno do Altissimo.

O sacro recinto do templo não deve ser um foco de pestilentos miasmas e de perigosas epidemias — é a casa de Deus, dedicada á sua veneração, e ao culto puro e incontaminado.

O sentimento, que nos leva ao templo, como observou um publicista dos nossos dias, tractando com proficiencia d'esta materia — é essencialmente differente d'aquelle, que nos conduz ao cemiterio para solver a divida de saudade aos que nos foram caros na terra. Na igreja vamos venerar o author dos nossos dias, ajoelhar ao Deus vivo e testemunhar-lhe um affecto casto e espontaneo pelos beneficios, que quotidianamente nos concede.

(Continúa.)

A' GAZETA DE BRAGA.

II.

(Continuado do n.º antecedente).

Se a Carta não fosse como é incoherentissima em muitas de suas disposições, o parlamento não daria

ao paiz tantos vexames. Mas a Carta preceituando a independencia dos poderes, na questão subjeita, preceitua simultaneamente a mutua dependencia, porque estabelece superioridade n'um dos elementos, que representa o poder legislativo. Submette á decisão e approvação dos pares o que os deputados houverem decidido e approvado! e para se mostrar ainda mais incoherente subjeita ao throno o que nos dous orbes legislativos foi discutido e assentado como ponto necessario, conveniente e justo.

Assim o parlamento pode comparar-se a uma grande officina onde cada official vae gradualmente apprendendo sem comtudo poder affirmar que sabe, se o mestre quiz regeitar por defeituoso o que todos os officiaes fizeram.

Bem sabemos que poucas vezes o throno se nega a sancionar o que as camaras decretaram.

Mas não é na condescendencia do throno, nem mesmo na sua desapprovação, quando a dêsse, que nos achamos o absurdo da Carta. No que lhe notamos absurdo é dizer « todos os poderes são independentes » e logo estatuir intimas dependencias, como demonstramos.

E, se, desprezando as theorias nos

SECÇÃO LITTERARIA.

FOLHAS PERDIDAS.

(Continuado do n.º antecedente).

Entramos, e eu parei á porta tomada de pudor, de respeito e d'um susto misterioso, que ora me fazia pulsar o coração com violencia, ora como que lhe paralisava os movimentos. Não sabia definir-me. Por vezes como que desacordava e só via trevas em redor de mim, por outras chamava a razão á indagação do mysterio. Mas eu não sentia mais que uma inexplicavel attracção para aquelle homem, uma sujeição e obediencia irresistiveis aos seu mandatos, uma confiança instinctiva n'aquella creatura, em que a consciencia me mostrava, como por entre nuvens, o porto de salvação; e o instincto mesmo luctando com o racio-

minio m-o dizia mais generoso, mais amigo, menos devasso que todos os que atéli tinha encontrado.

Bem o podia eu concluir do modo carinhoso com que me attendia em todos os meus gestos e em todas as minhas palavras; da maneira

porque me olhava; do limperio com que me mandou acompanhá-lo! E as forças instinctivas de minha alma que podiam julgar d'aquelle mysterio? Procurou-me sem me conhecer, falou-me como a uma irmã, a uma filha, a uma amante, e guiou-me, como se eu fugisse do lar materno, para a casinha dos Piões, que tanto se me revelava ao coração a vivenda para uma infeliz expiar os seus erros, e dar-se a uma verdadeira penitencia!

Elle, que parara por algum tempo no meio da sala, dirigiu-se á janella, e encostou-se. Apeiou depois a cabeça entre as mãos, e parecia-me que tirava pelos cabellos, e enchugava os olhos frequentes vezes.

Milhares de perguntas me obrigavam estas scenas a fazer a mim mesma! E, comtudo, no coração havia um não sei quê, que se não diline, a querer-me encaminhar a um ponto, que só agora a verdade me aclarava, e de que me recordo com a quasi imperceptibilidade que apresentara a principio.

Durou talvez meia hora esta scena. Elle á janella entre a mais terrivel lucta do coração e do pundonor, e eu, de pé, immovel, mas sensivel, ora aspirando o ar embalsamado da rehabilitação trazido em asas mysteriosas, ora receitando da cilada a que fosse necessario sacrificarem-me, ora dis-

pondo-me para mais um espectáculo de brutal sensualidade, ora supersteciosa e timida a querer refugir-me onde o mundo me podesse ignorar. E todas estas ideias me hiam e vinham umas apoz outras com a anciedade de repousar n'uma, e cada vez em maior sobresalto, em mais vehemente delirio, em mais sede abrasadora da verdade para dar treguas á imaginação!

Mas derrepente aproximou-se aquelle homem de mim, com os olhos baixos e a voz commovida, e disse-me tirando d'um «porte monnaie.»

— Aquí tem dinheiro para se sustentar dois ou tres mezes n'esta casa, que pode considerar como sua. Espero que se portará com dignidade, e saberá agradecer a Deus o beneficio que lhe faz de a tirar da prostituição para a casa da honra. Ahi fica uma mulher para a servir. Quando gastar o dinheiro, eu lhe enviarei mais. Terei isso a meu cuidado.

— Mas. . . retorqui eu. E n'este mas estava toda a eloquencia da alma que melhor soubesse comprehender e reconhecer aquellas ofertas do ceo.

Não obtive explicação. O desconhecido pôz o dinheiro sobre o toucador, encostou-se ahi um pouco como para recuperar animo, e voltou, mas em passo acelerado. Tomou-me de subito a mão direita com a direita, a esquerda com esquerda, en-

carou-me com as lagrimas nas faces e a respiração suspensa, deu-me um beijo na testa, e eu não o senti mais desde este lance até que sacudindo-me as mãos com violencia, pronunciei um adeus abafado, e pretendi fugir-me.

Não. Eu saíra do lethargo, e estreitei-lhe as mãos com frenesi, e beijeilhas com sofreguidão. . .

Caí depois a seus pés. . .

Elle levantou-me, disse-me segundo adeus, e safu preceitado.

Corri apoz elle; mas quando cheguei á rua, montou n'um cavallo, que eu vira, ao entrar, defronte da casa, e galopou para a cidade.

Ajoelhei á porta, ergui as mãos supplices em direção d'aquelle anjo que me queria salvar, e caí sem accordo.

Quando voltei a mim, estava na cama, com o meu amigo d'um lado e a creada do outro.

Encarei-o com espanto, perguntei o que me queria, e então me contou que passando pela estrada, na vinda ds Bom Jezus, vira um cavaleiro galopar como fugindo-me, e eu, que erguera as mãos a supplicar-lhe que não partisse, cabir sem sentidos; o que o fez correr a mim, erguer-me do chão, e ajudado da criada, transportar-me para a cama.

Agradei-lhe o corridoso favor, recebi do meu amigo todas as ofertas que um cora-

occuparmos dos factos, aqui a inutilidade do parlamento é tão demonstravel que bastará dizermos: — o Conselho d'Estado e o Conselho de Ministros «supprimiam maravilhosamente» as duas camaras legislativas e poupariam enôrrissima despesa ao paiz se não quizessem mentir «decentemente» ou trapacear com vantagem em nome da Carta que é a primeira de todas as mentiras do systema liberal — que actualmente nos rege!

Mas fallemos desassombradamente e com toda a clareza, para que não interpretem a capricho as nossas ideias.

Quando dizemos que o Conselho d'Estado e o de Ministros «supprimiam maravilhosamente» o parlamento — enunciamos uma verdade incontestavel; porque nunca o suffragio popular se exerce livremente — razão porque concluímos que a Carta é a primeira mentira do systema liberal!

Só é mentira na substancia e na forma, ou simplesmente na applicação investigal-o-hemos com minuciosidade.

Logo que o parlamento se abriu sobejaram episodios para muitas comedias em que tanto a camara aristocratica como a democratica hão de por seus actos dar o verdictum ás nossas asserções.

Esperemos essa renhida lucta que decerto vai travar-se e para a qual de ha muito se preparam os nossos Catões e Catilinas.

Então sobre uns e outros cahiremos nós, reprehendendo severamente o que acharmos reprehensivel e nocivo á causa publica.

Até esse tempo pouco se pode adiantar, porque nem devemos agora guiar-nos pelo que dizem uns e

outros, trocando entre si insinuações de que deveriam abster-se.

Perante as camaras ha de comparecer o ministerio e dar inteira conta do que tem feito e do que projecta fazer. Reservamos para então e julgaremos de tudo e de todos segundo os dictames de nossa consciencia e no alcance da nossa intellectualidade.

M. L. JUNIOR.

A situação politica do paiz.

A situação parece um pouco abalada. Correm boatos de alterações ministeriaes, e um dos primeiros jornaes a dar-lhe uma certa plausibilidade é uma folha, posto que independente, mais favoravel do que contraria ao gabinete.

Dissemos no nosso numero precedente que não acreditavamos na vinda do marechal duque de Saldanha para Portugal, nem na sua influencia na politica activa, caso viesse. Os acontecimentos fizeram-nos mudar de opinião. E' hoje indubitavel que o marechal regressa ao paiz. Tendo-se demorado em Londres e Paris, foi ultimamente a Roma seguindo consta dos jornaes estrangeiros para o acto official de despedida ao Summo Pontifice.

O duque não quer continuar a ser ministro em Roma. Talvez aceitasse qualquer outra missão, porém affirma-se que o presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros, prefere que elle venha para o paiz, embora não fosse o desejo d'alguns dos seus collegas.

A guerra continúa sem treguas

entre os amigos do sr. duque de Loulé e os da parcialidade Lobo de Avila, posto que as folhas ministeriaes neguem a existencia de taes dissensões. O sr. ministro da marinha não é menos mal visto tambem pela mesma parcialidade, e a aggressão aos seus actos já apparece mais ou menos disfarçada em algumas folhas da situação. O sr. Mendes Leal é cordealmente detestado por uma parte dos amigos e instrumentos do seu collega da fazenda, que já disputam a herança d'aquelle. Estes ultimos dias tem corrido varios boatos de que saem do ministerio alguns dos seus membros. Affirmou-se isto a respeito do sr. ministro da marinha dando uns por motivo os negocios de Roma, e outros o desgosto com os seus collegas da fazenda e da guerra pelos factos que dizem respeito ao irmão d'aquelle. Outros dizem que por causa d'essa questão sairão os dous ministros da guerra e da fazenda. Creemos que este ultimo não sairá senão em ultimo caso, forçado pela necessidade, ou quando cair todo o governo. Enquanto ao da guerra, parece que elle proprio deseja sair, conhecendo os seus poucos recursos para a campanha parlamentar. Segundo affirma um jornal que não é desaffecto ao governo, alguma alteração minist-rial deverá ter lugar, mas depois de constituida a nova camara. Outros supõem que esta alteração depende da vinda do marechal Saldanha. O que parece fóra de duvida é que as cousas não podem continuar como estão. Os symptomas parecem infalliveis. E' possivel todavia que nos enganemos.

Diz-se que o sr. marquez de Sá fora rogado para entrar no gabinete, para substituir o sr. gene-

ral Passos. Parece porém que s. ex.^a fora aconselhado a rejeitar, se essa não era já a sua intenção.

Depois de escriptas as precedentes linhas soubemos que se verifica a noticia da saída do ministerio do sr. Mendes Leal, que era de certo um dos seus membros mais importantes, e respeitado pela sua illustração. S. ex.^a pediu a sua demissão. Não podemos ser accusados de só termos feito justiça posthuma ao distincto ministro demissionario, porque os leitores d'esta folha podem dar testemunho de que muitas vezes louvamos os seus actos, e sempre a sua illustração. Convem tambem n'esta occasião fazer justiça á honestidade do seu character, que é de certo a principal causa da guerra que experimentou por parte da parcialidade do seu collega da fazenda, que talvez fosse um dos motivos da sua queda. Como ministro errou algumas vezes como erram todos. Mas alheio durante toda a sua vida preterita aos negocios da pasta, que foi chamado a gerir, outro qualquer teria errado mais, a não querer ser um ministro insignificante e nullo. Faltam-lhe talvez algumas qualidades de estadista; mas o talento e a força de vontade suprem muito. Acreditamos mais no seu talento litterario do que no politico; mas não obstante, foi no actual gabinete o unico ministro novo, que mostrou desassombrada iniciativa.

Diz-se que alguns outros ministros estão abalados, se o não fica todo o gabinete. Porém se o ministerio continuar, a perda do sr. Mendes Leal é muito grande em presença do parlamento. Era elle o unico verdadeiro orador do gabinete.

alegres, ora tristes, no meu casal dos Fideis, resando, lendo e visitando o Sanctuario, e socorrendo a pobreza com tudo que me restava do meu parco alimento.

Um dia bateu-me á porta uma velha que me queria fallar. Apenas entrou, ajoelhou-se aos meus pés, pedia-me perdão com um choro desabrido, e não queria que eu lhe visse o rosto sem lhe ter perdoado.

Perdoei-lhe, ergueu-se, e reconheci Maria do Carmo.

Caira em pobreza a desgraçada. Vivia d'esmollas, arrastava os ultimos dias de porta em porta a mendigar os subejos de ricos e remediados.

E' o mundo que castiga.

Alem d'isto, não lhe socegava a consciencia, accusava-a de muitos crimes, e andava de casa em casa, onde vivia alguma victima, a exorar-lhe um perdão.

Mas como sabia ella da minha morada! Aqui se desvella o mysterio. Abençoada mulher! Não lhe tinha odio, nunca o tive a ninguém, não despresava Maria do Carmo, e fui sua amiga ultimamente.

O meu protector, este anjo de beneficencia, na sua vinda do Brazil para Portugal, foi procurar a familia de quem não tinha noticias havia quinze annos.

PEREIRA LOBATO.
(Continúa)

ção generoso pode fazer a uma infeliz, e pedi-lhe que me deixasse para chorar a minha vida, esta vida que lhe escrevo ao despedir-me para sempre.

No dia seguinte recebi uma carta, que me trouxe um homem que não esperou resposta.

Bem o julguei do mysterioso, protector; acelerou-se-me o palpar do coração ao pegar n'ella, faltava-me o ar e tremiam-me as mãos quando a abri.

Não era. A carta era do meu amigo.

Que beneticas palavras as suas! Que linguagem tão doce, que animar, que excitar a vida a quem a despresava!

Viva, viva para Deus quando o mundo lhe não queira a vida! Foge-lhe o homem que amava, procure-o em Deus. Lá o encontrará.

Não amava, sr. Carlos. O meu sentimento por aquelle homem não era amor.

Era a idolatria, era... Veja se o traduz nestas folhas que lhe dedico. Não lh-o sei applicar.

Passados dias recobrei algumas forças; as minhas o mysterio continuava indescifavel.

Não a m-o esclarecia. A criada como eu, não se atinava com quem fosse aquelle homem. Fallaram-lhe em servir u'tua casa, e a enculcadeira só dizia que era um sujeito como nós a conhecemos.

Escreve-me outra vez o meu amigo. Pediu-me então resposta aos seus generosos encarecimentos.

Respondi agradecendo cordialmente a sua extrema dedicação, e pedindo-lhe que attendesse ás ultimas palavras, que citei, que o meu protector me dissera ao despedir-se de mim.

Tornou a escrever-me pedindo-me que lhe contasse a minha vida, mas com nomes supostos, quando a compromettesse a revelação.

Disse-lhe que annua, e daria ordem para lhe entregarem a minha carteira quando eu morresse.

Previo a morte proxima, como de facto se dará.

Ainda me escreveu outra vez. Continuava a animar-me. E animei-me; vivi quatro annos.

Foi muito para quem soffreu tanto, e pouco para quem desejava soffrer mais.

Os primeiros dois mezes que passei n'esta casa, foram uma continuada romaria ao Bom Jesus do Monte. Levantava-me muito cedo, lia em jejum resas ao Sanctuario, lá almoçava o mais frugalmente que podia, e continuava as minhas resas de capella em capella até estar fatigada.

Foi uma vida toda em retiro espiritual, uma suave expiação dos meus erros, doce penitencia que o Senhor me tomou em conta.

Eu pequei involuntariamente, foi um accesso de loucura o passo commetido, e o Altissimo conhecerá a minha alma.

O sr. Lobo d'Avila tem facilidade de fallar, mas nas discussões graves irrita quasi sempre os debates, que é o peor defeito d'um orador governamental, e quando é aggreido com vehemencia, e tem de responder immediatamente e de improviso, afrouxa e parece ás vezes succumbir. Os outros ministros fallam apenas, porque não são mudos.

Os ultimos successos acerca do irmão do sr. ministro da fazenda, que tem produzido um certo escandalo no publico, acreditamos que não foram estranhos á resolução do sr. Mendes Leal, o que de certo lhe faz honra.

A pasta da marinha passou interiormente para o sr. ministro das obras publicas.

O edificio ministerial começa a desmoranar-se.

(Correspondencia de Portugal).

CORRESPONDENCIAS.

8. Thyrso 13 de Dezembro.

(Cor. part. da Gazeta de Braga.)

Arvoramos uma bandeira, que nos será difficil seguir, atravez das escabrosidades do caminho, que tentamos trilhar.

A honra, palavra sagrada em outros tempos, é, hoje, contrabando em algumas pessoas, que mais a deviam prezar, pela sua posição social.

A probidade, uma das virtudes cívicas, que muito ennobreciam os portuguezes d'outras eras, é, hoje, pouco acatada para a maior parte dos cidadãos.

A prudencia dos nossos antepassados appellida-se, hoje, de fraquesa. A independencia tornou-se em servilismo: o desinteresse em ambição: e a limpeza de mãos ou a incorruptibilidade moral transformam-se ás vezes em corrupção, em peculato, e em concussão.

Éa uma epoca, em que os homens mudam o nome e o ser a tudo, como poderemos nós conservar o verdadeiro nome, e a primitiva significação ás palavras, com que adornamos o nosso estandarte?

Parecerá um paradoxo a attestação, de que nunca desviaremos nossos passos do âmbito, que a nós mesmos traçamos: mostraremos, porem, o contrario.

Apartar-nos-hemos, quanto possivel; da arena politica, campo este, para nós, de repugnancia.

Temos n'esta villa tantos correspondentes de jornaes que alguns não tendo, que escrever, lançam mão de coisas, que causam somno.

Em setembro p. p. lêmos nós uma correspondencia no «Jornal do Porto» datada d'esta villa, o principio da qual correspondencia era um exordio d'um sermão de Nossa Senhora, feito por um «padre mestre d'aldeia».

Ouvimos dizer, que já tinha sido pregado o tal sermão pelo nosso «compatriota, o reverendo mestre de latim», Manoel Ribeiro de Figueiredo.

Acreditamos: este patusco tem d'estas manias.

Muitas outras correspondencias do mesmo quilate têm sahido dos bicos

da penna de litteratos d'esta terra.

Não admiramos escriptos de tal natureza, porque attendendo á grande chusma de correspondentes, que tem Sancto Thyrso, nem todos podem ter assumpto proprio noticioso para entretenimento de seus leitores.

Faremos por evitar este escolho, a que é tão achacado o correspondente do «Jornal do Porto» que prega sermões aos seus leitores, e faz-lhes discipções «atrevidas» do nosso rio Ave, em vez de lhes dar noticias da localidade.

Vamos entrar no nosso proposito. Chegou hontem a esta villa o illm.º sr. J. da Costa Novaes, digno contador da comarca de Fafe.

S. s.º acha-se hospedado em casa do honrado e probo director do correio, o illm.º sr. Francisco José Pioheiro.

As posturas municipaes n'esta comarca vão cahindo em esquecimento.

A toda a hora do dia se veem pela rua animaes soltos e sem guia, podendo causar graves prejuizos. Todos os dias se veem pessoas a cavallo, galopando desabridamente, sem attenção ás pessoas, que, por necessidade, transitam na rua.

Junto ao botequim thyrsense estão centenas de carros de entulho, que impossibilitam o caminho, que vae para o mesmo botequim, e para todas as casas, edificadas d'aquelle quartirão.

Procuramos: prohibem ou não as posturas municipaes estas e outras coisas? Se o prohibem, façam-nas executar. A lei não deve excluir o rico, nem o poderoso, nem indigente, nem o proprietario.

Confiamos na illm.ª camara, que attenderá a estas nossas observações.

Brevemente vae entrar em scena no theatro judicial thyrsense, um lindo e aprimorado drama, composto por Gonçalo J. da Silva e João A. Gonçalves. O pessoal do drama consta de duas «damas» a sr.ª «Grenha» e a sr.ª «Victoria»: um «galão» o padre, trez actores de bom e acreditado merito, um dos quaes é o nosso visinho e amigo, o sr. Costa Leite.

Alem d'este pessoal, tem ainda outro, que na seguinte correspondencia nomearemos.

Espera-se grande enchente na platea; e muitos «bravos» sendo admitidos. O exm.º sr. Pimentel Macedo, tem de certo de assistir, como meritissimo juiz d'esta comarca. Aguardamos mais esta occasião para podermos dirigir nossos encomios á sua não torcível justiça e rectidão.

O exm.º bispo da Diocese devia banir do seu rebanho, ovelhas tão leprosas, como o indigno sacerdote, que disse se avilta a jogar a pedrada, e trocar palavras, pouco decentes, com uma mulher mundana.

Proh pudor!!! e por via d'uma outra mulher.

Está nomeado secretario da Junta de Parochia o illm.º sr. Antonio C. Meirelles Beja. Alguem pertende oppor-se a esta nomeação, mas sem fundamento.

O sr. Meirelles Beja é secretario da Junta de Parochia.

Basta por hoje.

...

CORREIO EXTRANGEIRO.

PARIZ 10.

NEW-YORK 30 — As noticias da guerra alcançam a 22

Sherman passou por Macon e tomou Milledgeville.

Gerdon marcha com as suas tropas sobre Savannah.

Outras noticias annunciam que chegou a seis milhas de Milão, onde está o deposito dos prisioneiros federaes.

Os periodicos do Sul, affirmam que Sherman foi derrotado na occasião em que tentava passar o rio Oconjee.

O governador da Georgia, mandou fazer uma leva geral, pela qual são obrigados a pegar em armas todos os cidadãos sem distincção, da idade de 16 a 44 annos.

O general Carly rechaçou a cavallaria de Sheridan.

Hood occupou Huntville e Decatur; mas foi rechaçado atacando Columbia.

O vapor «Florida» foi mettido a pique em frente do forte Monroc, por um navio federal.

PARIZ 11.

As noticias de New-York alcançam a 1.º de dezembro.

Durante o dia de hoje tem-se ouvido um forte canhoeiro ao norte do rio James, perto de Dutchgap, onde deve ter havido algum grande combate entre as tropas federaes e os confederados.

MADRID, 15, á noite. — Está constituido o novo ministerio, do modo seguinte:

Presidente e Guerra, Pavia.

Interior, Fernando de la Hoz.

Estrangeiros, Collonge.

Justiça, Roucari.

Obras publicas, Moyano.

Marinha, Chacon ou Rubalcava.

Fazenda, Villa Nova.

Colonias, Eganha.

LONDRES, 15. — O banco abaixou o desconto a seis por cento.

MADRID, 16. — A rainha de Hespanha não aceitou o ministerio Pavia.

Na banca de Pariz o numerario diminuiu 4 milhões; os fundos de carteira augmentaram 19 milhões.

GAZETILHA.

Theatro de S. Geraldo. — Fez domingo a sua estreia n'este theatro a Companhia Nacional do theatro de D. Luiz I, de Coimbra.

Levou á scena a «Medalha de bronze», drama em 3 actos, original do sr. A. C. de Vasconcellos: e «Por causa dos festejos reaes», comedia em 1 acto, ornada de musica.

O espectáculo correu regular, e a companhia recebeu acaloradas demonstrações de sympathia e de apreço. Todos os actores foram muito applaudidos, e com especialidade o sr. José Novaes, que teve uma completa esplendida ovação, como «gas muitas que tem tido no theatro de D. Luiz em Coimbra».

O sr. José Novaes é um artista de elevado merito, e que ha de alcançar sempre novos, espontaneos e phreneticos applausos.

Pelas grandes e merecidas sympathias, que a companhia ganhou

na sua estreia é de esperar, que hoje haja grande concorrência. Bem merece ella toda a protecção e estima do publico bracarense.

Boudoir. — Este excellente semanario, que vae annunciando no logar competente, encetou com o n.º 49 o segundo anno da sua publicação.

Sendo já um somanario interessantissimo e no seu genero o primeiro do nosso paiz, projecta realizar no seu segundo anno grandes e importantes melhoramentos, pelo que felicitamos a sua empreza. É digno do mais lisongeiro acolhimento, e recommendamolo especialmente ás damas.

Acompanha o n.º 49 uma peça de musica, e contém o seguinte:

Aos nossos assignantes, pela redacção. — A saudade (poesia) por Hypolito Garcez. — Anciar de moça, conclusão, (poesia) por F. M. de Sousa Viterbo. — A palidez (poesia) por A. D. Gomes Leal. — Perguntas innocentes. — Independencia nacional. — Revista dos theatros. — Problemas. — Expediente. — Folhetim. — Como um rapaz acanhado pede uma menina em casamento (continuação) por Luiz de Araujo.

Nossa Senhora do O'. — Teve logar na capella de S. Miguel o Anjo a festividade de Nossa Senhora do O'.

Nada faltou para o esplendor d'este acto do culto da nossa religião.

Houve pela manhã missa cantada com exposição do Sanctissimo, com grande instrumental, e de tarde orou o bem conhecido e illustrado orador do pulpito bracarense o reverendo fr. Bernardo da Conceição. A festa foi rematada com a Ladainha de Nossa Senhora executada pela orquesta que era da acreditada capella do sr. Luiz Baptista.

A capellinha estava ornada com a maior graça e primor e ao lado se via collocada sobre um lindo throno de luzys e flores artificiaes a imagem da padroeira d'aquella capella.

Loavamos o acrisolado zelo dos illustres mesarios d'aquella irmandade.

Novenas do Natal. — Principiam na ultima sexta feira na igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, S. Victor, e Carmo-pelas 3 horas da madrugada, e em S. Cruz de tarde depois das Ave Marias. Em todas é feita com o decoro proprio, sendo em Sancta Cruz a grande instrumental.

Exposições. — Em Guimarães appareceram ultimamente duas creanças recém-nascidas abandonadas. Uma na rua do Sabugal, e outra á porta do edificio da camara municipal.

O nosso illustrado collega, a «Religião e Patria» queixa-se do novo regulamento das rodas.

O innocente recém-nascido, exposto á porta do edificio da camara, foi encontrado dentro d'uma ceira, sem mais cobertura alguma, que o resguardasse da intemperie da estação.

Incendio. — Na sexta feira passada houve um pequeno incendio nas ca-deias da Relação do Porto.

O fogo pegou no deposito de palha para as enxergas dos presos, porem

